A CANÇÃO DO AFRICANO, DE CASTRO ALVES

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

"O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

"Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...

Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro"

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!"

"EU, MULHER PRETA", DE MARI VIEIRA

"Eu, mulher Preta
Já não aliso o cabelo
Já não odeio meus lábios carnudos
Já não me acho feia
Já não me vejo com seu espelho brancocêntrico
Que me dizia ter sorte só por não ser 'tão escura assim'
Seus padrões já não servem para mim

Ignoro a porta da sua cozinha
Não estou mais em meio ao lixo do seu elevador de serviço
Já não uso avental
Queimei o uniforme
Não moro no quarto dos fundos
Cuspi no seu prato
Abandonei o fogão.

Hoje,
Tal qual Rosa Parks
Só me levanto
(E curvo)
Para as rainhas de quem sou herdeira
Tereza de Benguela
Dandara
Luísa Mahin

Ancestrais que demarcaram as glórias de quem sou
Mulher Preta,
De luta
Flor de Baobá."